

DESTAQUES

Para além do amor: a tragédia da família Richthofen no Interação. Confira ainda uma análise do espírito pessimista dos gregos na época de ouro.

INTER AÇÃO

ORGANIZAÇÃO

**Alex Galvão Silva
Gadafy de M. Zeidam
Henrique de Barros
Jaqueline P. de Sousa
Pedro Lira Filho
Rafael Falcão
Susana Sousa
Thiago Cabral
Valmária A. da Silva
Welton do N. Braz**

Filosofia Direito Cultura
Uma contribuição para a formação humana

Nº 06 Ano 01 Data 25/11/02
Teresina - Piauí / UFPI - CCHL

EDITORIAL

Coordenação do Interação

Idealização. Desilusão. Essa poderia ser uma sequência lógica. Mas não deve ser. É tanto que estamos aqui para conclamar mais uma vez os estudantes das ciências humanas à Interação. E essa é uma atividade que pressupõe não só uma atitude passiva diante das nossas edições, do nosso trabalho, que é fruto de uma série de idealizações. Na verdade, o principal pressuposto é uma atitude ativa, de construção, ou pelo menos de participação nesse processo.

A inatividade pode caracterizar, ou pelo menos, ser indício de uma perfeita contemplação do status quo, em outras palavras, parece demonstrar satisfação com situação em que se encontra o saber (re)produzido no CCHL.

O nosso objetivo aqui, se ainda não está claro, é pelo menos instigar à uma modificação dessa situação. Até mesmo porque pode parecer muito cômodo vir todos os dias às aulas, tirar uma nota que se converte no conceito de suficiente, e um dia sair da faculdade como formado. Sendo que no fundo o que houve foi a formação de mais um técnico. O porquê da crítica: pensamos que o seio das ciências humanas é o último lugar [seria até melhor que não fosse nem isso] para a formação de técnicos ou burocratas. Antes disso, cremos que é lugar perfeito para a formação de pessoas, e humanas. Bem diferente da apatia tecnicista. O Centro de Ciências Humanas deveria consistir, a princípio, em verdadeiro centro de produção de saber na área de humanidades. E sem dúvida alguma isso exige uma atitude ativa, pressupondo uma relação dialética entre a sala de aula e a comunidade fora do campus. Sintetizando: a produção do saber, especialmente nas ciências humanas, reflete-se numa construção de idéias, tendo como laboratório a própria realidade que nos cerca.

Sejam pesquisadores, cientistas, humanos [na acepção mais filosófica da palavra]!

A nossa parte temos tentado fazer, e da melhor forma possível: abrindo um verdadeiro canal para vocês, estudantes, que consideram imprescindível o processo comunicativo para a expansão das idéias.

Não é à toa que temos recebido o apoio dos mais variados segmentos desse centro. A nossa contrapartida se reveste na tentativa de prestigiar as atividades dessas diversas áreas que tem se integrado à proposta do Interação.

Destacamos que, no período de 03 a 06 de dezembro, acontecerá a II Semana de Serviço Social da UFPI, com o tema: Qual a nova cara do Serviço Social? O evento é uma realização do centro acadêmico e conta com o apoio do NEPESS (núcleo de estudo e pesquisa em serviço social e questão social). Para a II Semana, está prevista a participação do governador eleito Wellington Dias para compor uma das mesas de debate. As inscrições poderão ser feitas por todos que tiverem interesse. Qualquer informação: 974-7919.

Não custa lembrar ainda que o DCE já está disponibilizando os controles para compra de vales de dezembro a maio, o que facilitará muito a vida daquele estudante que busca informações no seu centro acadêmico, encontrando quase sempre a porta fechada.

Mais eventos: mereceu destaque já no editorial de uma das edições passadas do Interação o recital do grupo de poetas Klã-Destino, e mais uma vez eles pretendem impressionar todos aqueles que assistiram ao espetáculo. Será na quarta-feira 27/11 às 17:30, na praçinha do CCHL.

Um abraço aos leitores do periódico mais interativo da UFPI.

ARTIGOS

PARA ALÉM DO AMOR

Antonio Carlos Costa Cruz - Estudante de Letras [UFPI]

Os jovens Suzane Louise von Richthofen (19 anos) e Daniel Cravinhos (21), que juntos com o irmão deste, Cristian Cravinhos, mataram Manfred von Richthofen, de 49 anos e sua mulher Marísia (pais de Suzane), diferenciavam-se em alguns aspectos da vida. Ela, de classe média alta, filha de engenheiro, estudante de direito na PUC. Ele, de classe média baixa, filho de funcionário público, sequer estudava. Se ela recebia mensalmente com uma boa mesada, ele vivia de bico, segundo se lê na revista Isto é, de 20 de novembro de 2002.

Como jovens cujas vidas apontavam para rumos tão opostos foram se encontrar? E o que os tornaram tão irmanados a ponto de planejarem e executarem a morte dos pais dela? A julgar pelo que falou Suzane, foi o amor. Num excesso de benevolência, pode-se entender que o amor entre Suzane e Daniel era do tipo cego, cuja consumação era inevitável. Ninguém podia interpor-se a ele e o azar de Manfred e Marísia foi o de terem sido, justamente eles, a se colocarem como ameaça ao caso. Mas poderia ter sido os pais dele, ou

quem sabe, ampliando ainda mais nossa benevolência, qualquer outra pessoa tida pelo casal de namorados como inimiga desta união.

O caso começa a apontar para rumos diferentes quando se analisam algumas informações a ele pertinentes. Pela leitura de Veja (edição de 13 de novembro de 2002) fica-se sabendo que, após o crime, Suzane recolheu da casa 5 000 dólares e 8 000 reais. Apenas dez horas após, Cristian comprou uma motocicleta, pagando em dólares. Suzane pretendia, com a herança a que fazia jus, tocar a vida junto a Daniel. Já estamos tentados a concluir que algo além do amor motivou o crime. Ou, por outra, o amor pode até ter levado o casal a perpetuar o crime. Só que o amor ao dinheiro.

A conclusão acima, no entanto, não encerra a questão. Se é certo que o que motivou Cristian e Daniel foi o dinheiro, o mesmo não se pode dizer de Suzane, posto que a isso ela já tinha acesso. O que então teria feito ela participar de uma ação que resultou na morte dos provedores de sua vida de abundância, que incluía até viagem anual pela Europa?

A incapacidade de ver a vida para além de seus interesses. Eis a conclusão que se chega. Habituada, no aspecto material, a ter tudo o que queria sem o correspondente esforço para conquistar, Suzane achou que assim devia ser em todos os lances da vida. Ela queria uma vida desregrada, em que se pode usar droga numa boa. Aos pais caberia bancar tudo, sem questionar com quem saía, o que fazia. Afinal, não haviam dado tudo a ela? Então, a jovem tão somente queria a continuação disso.

O crime em questão veio quebrar uma rotina. Habitados a ver diariamente as barbaridades praticadas pelos pobres, a sociedade ficou atordoada ao ficar sabendo que também lá, do lado dos ricos, há assassinos. O paradoxo no caso é que, segundo se viu pelo depoimento de alguns amigos de Manfred, ele temia a violência no Brasil, a ponto de querer sair daqui. É mais provável que ele temia a violência advindo dos pobres, dos bárbaros que infestam as periferias, que assaltam nos sinais, que saem sabe-se lá de onde, a espreitar com seu instinto cruel pessoas ricas, como ele. Mal sabia que sob o mesmo teto que habitava, também havia um monstro. E um monstro que Manfred, pelo bem ou pelo mal, ajudou a criar. Cresce que Marísia era psiquiatra, o que nos leva a uma pergunta desconcertante: como ela, uma profissional da área do comportamento humano, foi incapaz de preparar uma pessoa para a vida?

Pode-se concluir que os três assassinos balizavam suas vidas em valores diametralmente opostos às noções de solidariedade e de coletividade. Incapazes de ver a sociedade como uma soma de pessoas, com seus diferentes interesses, onde nem sempre é o que se deseja que se consegue. Gravitando em torno de suas vidas como insetos que são obrigados a circular em torno de uma lâmpada, não perceberam que além deles havia outras pessoas. E neste ponto o caso depende-se da órbita da família para pousar numa instituição mais ampla: a sociedade. E se conclui que o que o que tornou possível a união entre dois jovens de origens opostas foi o fato de ambos pautarem suas vidas por um individualismo exacerbado, onde importa ser o vencedor, não interessa que meios se utilize para sê-lo. Se a visão tosca da vida, na ótica dos dois irmãos, era possuir carros e roupas de grifes mesmo que suas condições não permitissem pelos meios legais, a de Suzane era de ter, além disso, o poder absoluto sobre sua pessoa. Neste ponto as vidas de Suzane e Daniel mais se assemelham do que se diferenciam. Se ela era a provedora daquilo que mais interessava a Daniel (os bens materiais) ele representava para ela o companheiro ideal: o jovem do mundo das drogas, da vida sem trabalho fixo, sem estudos, que funcionaria como parceiro ideal nesta aventura em busca da liberdade infinita, livre das amarras da sociedade.

Falou-se acima que o crime em alusão chocou a sociedade. E é verdade. Mas verdade também é que não deveria chocar. Afinal, vivemos uma época em que, no embate entre o coletivo e o individual, este prevalece. Invade-se o sinal vermelho como se fosse natural, assim como natural é bloquear a calçada com os carros, bem como a faixa de pedestre; acha-se normal que se tenha um emprego público cuja contrapartida resume-se ao fato de ir buscar o dinheiro no final do mês; ter a possibilidade de se dá bem (através de meios escusos) e não fazê-lo é ser condenado à pecha de tolo. No trato com os semelhantes, a maioria das pessoas sequer se dá ao trabalho de cumprimentar quem está abaixo dele. E assim, essas pequenas ações de quebra de moral vão se juntando, para formar, ao final, algo de proporção gigantesca, que estoura no colo da sociedade. Chamadas à reflexão em casos tais, as pessoas perguntam atônitas: como pode o bater de asas de uma borboleta desencadear uma série de fenômenos que culminam com uma tempestade do outro lado do mundo?

TRAGÉDIAS GREGAS - REFLEXOS DE UM ESPÍRITO PESSIMISTA?

Lucas Villa - Estudante de Direito [UFPI]

Saudações, mentes ansiosas! Cá estou eu, pela primeira vez, a trazer-vos algumas palavras. Venho questionar-me, e por este meio também vos

questionar, a respeito do teatro de Dionísio, ou teatro de tragédia grego. Seriam, as tragédias gregas, por seu teor horrendo e cruel, sinais de que os gregos do século de Péricles, época áurea da democracia e cultura gregas, tinham uma visão realmente pessimista da vida e do destino? Em caso de resposta positiva, qual seria o motivo desta explosão de pessimismo justamente no seio de uma sociedade em que reina o progresso e que se encontra no ápice de seu desenvolvimento cultural e social? Que mazela tão terrível poderia atormentar o espírito do cidadão grego durante o século de ouro?

Apesar de só ter governado Atenas por 32 anos, Péricles acabou por dar nome a todo o século V a.C., época em que a cultura grega atingiu seu apogeu, graças, talvez, ao fortalecimento da democracia e às reformas legislativas promovidas, principalmente, por Clístenes. Durante este período as artes floresceram como talvez em nenhuma outra época da história da humanidade. As praças e ruas da cidade ostentavam pinturas, esculturas, monumentos celebrando os grandes feitos dos heróis gregos, e, precisamente neste momento, foi criado, às bases da Acrópole, o Teatro de Dionísio, com capacidade para suportar um público de até 30.000 pessoas.

Era neste teatro, em culto a Dionísio, deus do vinho e do prazer, que se encenavam as tragédias gregas, narrativas dramáticas que aludiam, sempre, à fragilidade da existência humana, à precariedade da vida e à incapacidade dos homens diante dos desígnios dos deuses. Os personagens destas tragédias eram marcados por destinos cruéis, impostos pelas divindades como espécie de castigo àquele que, intencionalmente ou não, transgrediu uma lei aceita pelo meio social e ratificada pela aprovação dos deuses.

A figura do herói trágico é marcada pela mácula do sofrimento, pela sombra da vingança divina. Este herói, de maneira diversa ao herói romântico, não era idealizado, de intenções sempre corretas e puras; muito pelo contrário, possuía, ele, uma dicotomia de espírito. Era, sim, dotado de um lado bom e digno, no entanto possuía, também, um lado egoísta, insensato, maldoso (como também o possuíam as próprias divindades gregas, em contraste à idéia cristã de Deus como reflexo da própria bondade e perfeição).

Vejam os exemplo do desafortunado Édipo, rei de Tebas, retratado por Sófocles em sua mais célebre tragédia, "Édipo Rei". Vir tuoso e bem aventurado, Édipo governa Tebas com todas as glórias e é amado por todo o povo tebano, trazendo em seu passado, entre outras, a honra de ter desvendado os enigmas da terrível Esfinge, salvando, assim, toda a polis e sendo consagrado rei desta.

Pois bem, não me deterei aos detalhes do desenrolar da trama (até porque poderia incorrer no erro de poupar-vos da leitura da obra original, caso ainda não a tenham realizado, o que seria um terrível pecado). Limitar-me-ei a relatar-vos o desfecho da triste saga deste herói trágico. Édipo, como afirmou o deus Apolo, por meio do Oráculo de Delfos, e como ratificou o velho e cego profeta Tirésias, matou, sem saber, o próprio pai, casou-se com a própria mãe e com ela teve crias que eram, a um só tempo, suas filhas e irmãs (entre elas a pobre Antígona, protagonista de uma outra tragédia de Sófocles). Ao descobrir-se vítima de tão horrenda tragédia, Édipo perfura os próprios olhos e termina por ser expulso da cidade onde outrora reinara, sendo condenado a vagar no deserto, cego, pelo resto de sua existência.

Como vemos, o herói trágico em questão está longe de ser uma figura moralmente irrepreensível, como os heróis do romantismo. Muito pelo contrário, temos aqui um herói parricida e incestuoso, vítima não de um final feliz, mas de um destino trágico e horrendo, talvez reflexo de um pessimismo que se apoderava da arte grega durante aquele momento histórico.

Arthur Schopenhauer, em "Parerga e Paralipomena", defende a tese de que os gregos eram, realmente, em seu âmago, pessimistas e desesperançosos. Não apresenta, no entanto, uma justificativa plausível para sustentar este furacão de pessimismo frente ao incessante progresso e glamour em meio aos quais viviam os gregos durante o século de Péricles. Nietzsche, de forma mais sensata, em seu primeiro livro, intitulado "O nascimento da tragédia no espírito da música" ("Die geburt der tragödie aus dem geiste der musik"), sustenta que jamais se poderia taxar a arte grega deste período, especialmente o teatro de tragédia, como reflexos de espíritos pessimistas. A obra de arte pessimista nem sempre revela, por detrás dela, a existência de um artista pessimista.

Permito-me, neste momento, citar, ipsis litteris, um trecho esclarecedor da obra acima citada:

"... Não haverá um pessimismo da força? Uma predileção intelectual pela aspereza, pelo horror, pela crueldade, pela incerteza da existência, predileção devida à saúde excelente, ao excesso da força vital, à excedência da vida? Tão excessiva plenitude não trará consigo um certo sofrimento? A visão mais penetrante não será por isso mesmo dotada de uma temeridade irresistível, que busca o terrível como quem busca o inimigo, que procura um adversário digno contra o qual possa experimentar a sua força?"

Parece-me possível dar uma resposta positiva a todas estas questões propostas pelo sábio filósofo prussiano. Talvez precisamente aí se encontre o nó górdio da questão, a resposta para o mistério proposto.

O espírito elevado, do alto de sua sabedoria, cansa-se da própria plenitude, enfia-se da calma do intelecto tranqüilo e sadio. Resolve ele, pois, buscar um desafio a sua altura, descer, em sua obra, até as mais soturnas profundezas, para, de lá, arrancar uma arte carregada de sentimentos e emoções os quais nunca pôde e nunca poderá experimentar em vida, senão através de sua própria criação. O horror estampado na obra do artista trágico não denuncia um espírito decadente, doentio, pessimista e desgostoso da vida. Revela, pelo contrário, um instinto criador elevado, poderoso, uma autoconsciência privilegiada, uma visão de mundo apurada e uma busca de desafios; em suma, um espírito aventureiro, corajoso, que se arrisca na exploração daquilo que há de mais terrível na natureza humana.

É este o caso dos gregos, é esta a única explicação plausível para o fato de terem eles, o povo mais sábio da história da humanidade, em sua época áurea de desenvolvimento, criado esta modalidade artística de cunho aparentemente tão pessimista. E este argumento não se aplica unicamente ao teatro de tragédia, na antiga Grécia. Durante toda a história da arte vemos casos de personalidades inteligentíssimas, autênticos gênios, que não tinham, em suas vidas, nenhum tipo de mazela ou mácula que denunciava motivo para uma visão pessimista da humanidade e que, ainda assim, produziam obras extremamente trágicas e soturnas (que passavam longe de refletir a verdade a

respeito de suas vidas). Dois exemplos válidos, dentro da história da poesia brasileira, são Álvares de Azevedo e Augusto dos Anjos.

O primeiro foi um jovem estudante de direito, como muitos do século XIX, que bebia, fumava, lia Byron, Shakespeare e Goethe, e se encantava com as belas mulheres da cidade. Nenhum motivo aparente que justificasse a tragidade de suas poesias, bem como de seus tão obscuros contos, que figuram no célebre "Noite na taverna", ou de sua conhecida peça teatral denominada "Macário".

Já Augusto dos Anjos viveu de uma forma não tão intensa, preferindo a tranqüilidade, a calma e a incansável busca pela erudição. Passava longe de ser uma pessoa tensa e ríspida, como teoricamente denunciariam seus poemas. Era, ao contrário, extremamente gentil, educado, tranqüilo, havendo biógrafos que chegassem a afirmar que tal passividade diante do mundo fosse fruto de sua admiração pela religião budista.

O certo é que a única justificativa para o aparente pessimismo da obra de artistas como estes é a mesma apresentada para o caso dos gregos e do teatro de tragédia: O espírito elevado, que busca o desafio, em contraposição ao tédio da plenitude.

Encerrando por aqui este caso, sinto-me, agora, tentado a citar o dístico final de um soneto de minha própria autoria, que poderia fechar com chave de ouro parnasiana esta discussão:

"Quem do inferno conhece o aquecimento
Despreza o tédio frio do firmamento".

CULTURA E LAZER



Henrique de Barros, Rafael Falcão e Welton Braz

Cinema

Cine Teresina * 1. Pequenos espíões - Infantil {16:40} 1.1 Fixação - Drama [com Jesse Bradford e Erika Christensen] {18:40 - 20:40} 2. Dívida de sangue - Policial [Com Clint Eastwood e Jeff Daniels] {16:40 - 18:50 - 21:00} 3. Harry Potter e a Câmara Secreta - Aventura [Com Daniel Radcliffe e Emma Watson] {14:00 - 17:10 - 20:20}

[Com Freddie Prinze Jr. e Sarah Michelle Gellar] {16:30} 1.1 A última profecia - Drama [Com Richard Gere e Laura Linney] {18:30 - 20:50} 2. Possessão - Romance [Com Aaron Eckhart e Gwyneth Paltrow] {16:40 - 18:40 - 20:40} 2.1 Reino de Fogo - Suspense [Com Cristian Bale, Izabella Scorupco e Gerard Butler] {20:30} 3. Dragão vermelho - Suspense [Com Anthony Hopkins e Edward Norton] {15:40 - 18:10 - 20:40}

Cine Riverside * 1. Scooby Doo - Comédia

IPSIS LITTERIS

Compilação por Pedro Alves Lira Filho

SER HUMANO

é

SER O MENOS

SER HUMANO

possível

SER HUMANO

é

SER AMENO

SER HUMANO é SER A MENOS

que Deus

SER HUMANO

é

SER O MANO

mau dos

SERES "MENOS"

humanos

SER HUMANO é SER O MESMO

SER MUDANDO

SEMPRE HUMANO

SER MUNDANO

SEM HUMANO

S E R M A N D A N D O

Quem está certo, Hobbes ou Rousseau? Estou escrevendo não por falta de ética, por querer me promover às custas do INTERAÇÃO, mas estou sentindo falta da humanidade do CCHL. Humanidade verdadeira, discussões, atividades, compromisso com a sociedade, ou só queremos sair daqui com um canudo na mão, procurar um emprego para satisfazer nossos egos, comprar o carro da ano e nos trancarmos atrás de muros imensos e alarmes contra invasores? Que é o humano? Perguntamos na primeira edição. Os estudantes das humanidades que respondam! Quebrando o clima, oferecemos uma poesia de Clarice Lispector aos nossos leitores [leiam de cima a baixo e depois de baixo para cima]!

Não te amo mais.

Estarei mentindo dizendo que

Ainda te quero como sempre quis.

Tenho certeza que

Nada foi em vão.

Sinto dentro de mim que

Você não significa nada.

Não poderia dizer jamais que

Alimento um grande amor.

Sinto cada vez mais que

Já te esqueci!

E jamais usarei a frase

EU TE AMO!

Sinto, mas tenho que dizer a verdade

É tarde demais...